

**Projeto:** Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência - MOURA, Yone Goncalves de; SILVA, Eroy Aparecida da; NOTO, Ana Regina. Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia em Pesquisa*, UFJF, 3 (01), p. 31-46, jan./jun. 2009.

2) Resumo e Palavras-Chave - O presente artigo relata que estudos demonstram que o ser humano tende a adoecer quando percebe que sua rede social foi reduzida ou rompida. Neste estudo foram utilizadas duas técnicas qualitativas: observação participante e entrevistas em profundidade, de referencial etnográfico. Dezesete adolescentes foram entrevistados. Os sistemas observados foram compostos por diferentes segmentos sociais que variaram entre a família, escola, serviços de saúde, instituições específicas para pessoas em situação de rua, polícia, comércio, tráfico e, até mesmo, os ambulantes, transeuntes, motoristas (especialmente nos faróis) e os próprios “irmãos” da rua. Para esses adolescentes as situações de vulnerabilidade no ambiente familiar, parecem contribuir para o uso precoce de drogas. A cola apareceu como a droga mais usada pelos adolescentes. Diante disso, é fundamental ressaltar a responsabilidade que as redes sociais têm de auxiliar famílias, crianças e adolescentes para a diminuição da desfiliação social e redução das desigualdades sociais no Brasil.

Palavras-chave: redes sociais; adolescentes em situação de rua; abuso de drogas; etnografia; pesquisa qualitativa.

3) Objetivo do estudo - Dentro desta perspectiva, este estudo teve por objetivo investigar como os adolescentes compreendem as redes sociais na situação de rua, no contexto de uso de drogas com enfoque na família, escola, instituições de assistência e comunidade.

4) Tipo de pesquisa - Pesquisa qualitativa. Foram utilizadas duas técnicas qualitativas: observação participante e entrevistas em profundidade.

5) Período da pesquisa - O período total de observação foi de vinte e um meses, entre outubro de 2003 a julho de 2005.

6) Forma de coleta de dados - Realizaram-se vários estudos observacionais em dois contextos distintos: na rua e em instituições destinadas a essa população específica. Na rua, a observação participante (OP) ocorreu em 11 pontos de circulação e permanência dos adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo. Cada local observado foi visitado de duas a três vezes por cerca de seis horas cada vez. A segunda fonte de OPs foram 10 instituições de atendimento aos adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo. Nas ruas, foram observados os pontos de maior circulação dos adolescentes com o propósito de compreender seus hábitos, aproximar-se gradativamente e, finalmente, passar a frequentar e participar da rotina do grupo, com aceitação dos membros e, posteriormente, convidar para participar da entrevista. Nas instituições, o primeiro contato era realizado com os educadores que serviram como informantes-chave. As situações observadas nas instituições e nas ruas foram anotadas em um diário de campo para análise posterior. Foram observadas e registradas todas as manifestações (verbais, comportamentos, ações e atitudes) dos adolescentes, bem como as formas de interação dos grupos (rotina, valores, normas e estratégias de sobrevivência) e o contexto social (local, pessoas, dinâmica da rua, recursos das instituições, etc.). Além disso, também foram analisados na dinâmica das instituições, o relacionamento do profissional ao lidar com os adolescentes intoxicados com algum tipo de droga, a rotina das atividades, as dificuldades de encaminhamento para serviços de saúde, a rotatividade do profissional em várias instituições, além do relato por esses profissionais da falta constante de capacitação para lidar com a situação das drogas. Essas anotações também foram registradas no diário de campo imediatamente após a saída do local. Os registros da vivência em campo foram posteriormente submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2004) conjuntamente com o material obtido nas entrevistas semiestruturadas, permitindo triangulação (PATTON, 2002) de diversos tópicos e aprofundamento na compreensão do fenômeno estudado.

Foram entrevistados em profundidade (WHO, 1994) dezessete adolescentes em situação de rua, ou seja, que passavam a maior parte do dia ou sua totalidade nas ruas da cidade, sem supervisão de um adulto responsável, na busca de lazer ou sustento. Foi utilizada amostragem intencional e por critérios (PATTON, 1990; TAYLOR e BOGDAN, 1998). Os critérios de inclusão na amostra foram: idade entre 12 e 17 anos, estar em situação de rua há pelo menos um ano e ter feito uso de drogas nesse período. Foram excluídos adolescentes que apresentassem dificuldades de compreensão ou que estivessem intoxicados no momento da entrevista. Foram realizadas primeiramente quatro entrevistas-piloto que permitiram a adaptação do roteiro de entrevista semiestruturada, adequando a linguagem à compreensão desta população. A amostra foi composta por três vias: 1) indicação por informantes chave das instituições, 2) contatos diretos nas ruas e 3) por bola de neve (BIERNARCKI e WALDORF, 1981), em que os primeiros entrevistados indicaram outros adolescentes (ou grupos), que por sua vez indicaram outros. O método de bola de neve também foi utilizado para acessar as instituições que lidam com essa população. Assim cada instituição indicava outras que realizavam trabalhos semelhantes até o momento em que foi atingida a redundância das instituições listadas. As entrevistas foram gravadas integralmente, cujo conteúdo foi literalmente transcrito, a partir do qual seguiram os procedimentos de análise com base na técnica de “análise de conteúdo”.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - A entrevista foi codificada, ou seja, transformou-se a informação literal em um formato codificado (BARDIN, 2004). Paralelamente, cada entrevista foi lida tantas vezes quanto necessário, a fim de que as respostas às perguntas feitas ao entrevistado fossem compreendidas da forma mais completa possível (FONTANELLA et al., 2008; MINAYO, 1993). Para preservar o anonimato dos entrevistados, as entrevistas foram identificadas com um código alfanumérico (ex: J14MR) significando, pela ordem: inicial do nome do entrevistado, sua idade, inicial do sexo do entrevistado (F para feminino ou M para masculino), e R para o adolescente entrevistado que se encontrava na rua, no momento da pesquisa ou I para o entrevistado encontrado em alguma das instituições no momento da entrevista.

8) Resultados / dados produzidos - As observações realizadas nas instituições mostram que esses serviços são procurados pelos adolescentes para higiene, alimentação, recreação, convivência, segurança e referência para busca de ajuda. Foram diversas as dificuldades relatadas nas instituições, como questões financeiras, políticas e, em relação ao uso, destacou-se a dificuldade de encaminhamento para tratamento. As dificuldades observadas nas instituições foram as mais diversas, embora tivessem um considerável histórico de experiências acumuladas no trabalho com essa população. Assim, como para os adolescentes, os eventos e as políticas públicas em vigor na cidade, de forma geral, influenciam no funcionamento e manutenção delas. Em geral, foi observado que as instituições apresentaram dificuldades para encaminhar o adolescente, principalmente, para tratamento. Em períodos de crise, morte dos moradores de rua, o adolescente fica mais acessível e chega algumas vezes a pedir ajuda na instituição, pede para ser internado, numa tentativa de parar de usar a droga. Nesse momento, os profissionais iniciam o que chamam de “peregrinação” entre os diversos serviços de saúde. A desarticulação dos serviços pode ser um fator importante que contribui para a manutenção do consumo de drogas na situação de rua.

Dez adolescentes foram entrevistados em instituição e sete na rua. Apenas três voltavam todos os dias para suas casas. Para os demais, o afastamento de suas famílias foi justificado por discussões/brigas constantes em casa, maus-tratos físicos e a busca de liberdade. Em relação ao tempo, a maioria dos adolescentes relatou estar na rua há mais de dois anos. Os depoimentos de entrevista, enriquecidos com os estudos observacionais, revelaram associações entre os padrões de consumo de drogas, histórico e estilo de vida dos adolescentes. Entre os dezessete adolescentes entrevistados, apenas três moravam com suas famílias, voltando todos os dias para casa e trabalhando no farol durante parte do dia. Foram entrevistados doze adolescentes do sexo masculino e cinco do sexo feminino. As idades variaram entre 12-17 anos. Quanto à escolaridade, dezesseis haviam parado de estudar, a maioria entre a 4a. e a 5a. série do ensino fundamental e uma estava estudando. Para os adolescentes em situação de rua, a família é percebida como importante rede de pertencimento e, embora as relações familiares sejam mais conflituosas, parece existir o vínculo, porém, diferente do comum. Além do uso de drogas, foram relatados vários outros comportamentos de risco, alguns dos quais vinculados à busca da droga como, por exemplo, em situação de “fissura” para usá-la. Outros comportamentos relatados estavam mais relacionados ao estado de intoxicação, como a redução da crítica (perceber

como problema os perigos aos quais se expõem); da capacidade de tomar decisões; os reflexos (pelo rebaixamento do estado de consciência). Também foi relatada a dificuldade de lembrar o que aconteceu de fato durante o estado de intoxicação. Para os adolescentes que se mantinham mais próximos da família e trabalham nos faróis, os parentes, os vizinhos, a escola e trânsito tenderam a ter mais relevância do que as instituições. Por outro lado, para aqueles mais inseridos na rua, as instituições tenderam a ser mais importantes. Em entrevistas, os adolescentes relataram buscar instituições para alimentação, lazer, higiene e cuidados em geral. Apesar da relevância dessas atividades, observou-se que as instituições eram instáveis, havendo constantes mudanças de propostas de trabalho, rotatividade de educadores, dificultando o estabelecimento de vínculos. Além disso, muitas delas estabeleciam regras percebidas pelos adolescentes como arbitrárias e inadequadas. Dessa forma, as instituições foram descritas pelos adolescentes de forma ambivalente, ora como local de proteção, ora como local de intimidação.

Nas ruas, foi observada e relatada a presença de policiais, permeada pelo desconforto e agressividade para com os adolescentes, e os próprios adolescentes percebiam tal agressividade como parte da função dos policiais. Por outro lado, os policiais, em alguns contextos, foram descritos como elementos de segurança e apoio. Em relação aos serviços de saúde, o atendimento é visto como precário, além de se exigir condições incompatíveis com a situação de rua (presença dos responsáveis, higiene e apresentação de documentos). As dificuldades associadas ao uso de drogas se potencializam diante da complexidade da situação de rua. No entanto, os profissionais se sentem pouco preparados e com poucos recursos para lidar com a situação.

O envolvimento com o tráfico foi relatado por um grupo de meninas que denominavam-se como “mulher de traficante”, o que era para elas um fator de status, reconhecimento, proteção e a possibilidade de ter a droga para uso quando quisessem. O uso de crack nesse grupo foi relatado por todas as adolescentes, além do de mesclado, como padrão em substituição ao crack, prática que desencadeou também uma inserção precoce no tráfico.

No entanto, mesmo diante de tantas situações de vulnerabilidade, o adolescente apresenta expectativas de vida, ainda que, muitas vezes, pareça estar mais no plano da fantasia do que do concreto. Estudos mais recentes (RAFFAELLI e KOLLER, 2007) têm demonstrado a importância de considerar as expectativas do adolescente e possibilitar condições para fortalecer sua visão de futuro em função de sua presente condição adversa.

9) Recomendações - São necessários estudos que busquem compreender a interrelação entre os diferentes elementos que compõem a rede social em situação de rua. Pesquisas nesse sentido podem ampliar as possibilidades de intervenção junto a essa população.

10) Observações e destaques -

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.